PETER SILVERWOOD-COPE
(1945-1989)

GUSTAVO LINS RIBEIRO
Universidade de Brasília

Quem viu Peter Silverwood-Cope (7/12/1945-4/4/1989) vestido apenas com a calça do seu quimono negro e carregando um arco e flecha Maku, pode apreciar uma das sínteses mais poderosas que ordenou sua vida durante muito tempo: a paixão pela etnologia e pelas artes marciais. Personalidade forte, por vezes controvertida, Peter considerava que, para sua experiência de campo de dois anos entre os Maku — período em que aprendeu a ser caçador e foi iniciado totalmente no xamanismo desse povo semi-nômade —, seu treinamento no exército britânico em sobrevivência na selva foi mais importante para a concretização do trabalho do que seu treinamento acadêmico na inglesa Cambridge University.

De fato, o acompanhamento íntimo das formas de reprodução da vida de um grupo caçador-coletor na floresta tropical foi o fundamento da sua tese de doutorado, *A Contribution to the Ethnography of the Colombian Maku* (1973), onde, num estilo próprio às clássicas monografias inglesas, o leitor é convidado a penetrar no mundo Maku. Sem dúvida, seu lugar na literatura etnológica está definitivamente associado à descrição dos Bara-Maku. Sua tese, orientada pelo também recentemente falecido Edmund Leach, é citação obrigatória para todos aqueles que estudam o Alto Rio Negro. Infelizmente, Peter faleceu antes de vê-la publicada, em 1990, pela Editora da Universidade de Brasília (fato de que se orgulhava).

Mas, Peter, também por ter sido levado a compartilhar todos os segredos que tornam alguém um xamã, se preocupava igualmente com as concepções de mundo Maku, de que é exemplo o artigo "Cosmologia Maku", publicado no *Anuário Antropológico/78*. As duas forças

Anuário Antropológico/89
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992

organizadoras do cosmos Maku, *kama'litna* e *tsa'litna* são apresentadas e relacionadas a um conflito de identidade onde a presença dos Tukano é central para a compreensão do espelho no qual os Maku se vêem.

O interesse do Peter por religião iria se aprofundar e penetrar sua vida a ponto de transformá-lo num budista. Mais tarde, talvez numa trilha semelhante àquela do seu professor, Leach, Peter se volta para o Sudeste Asiático, estudando monastérios tailandeses. Aqui, no entanto, outro vetor é fundamental: aquele das artes marciais. Peter, homem de muitas habilidades pessoais (músico, marceneiro, piloto, cozinheiro), era faixa preta de karatê, um *sensei*. A partir de uma compreensão de dentro das artes marciais, possível apenas aos praticantes dedicados, Peter passa a pensá-las em perspectiva comparada. Este era seu último interesse. Trabalhava num artigo sobre o assunto quando morreu. Um dos focos principais tratava-se de compreender a eficácia do box tailandês como método de luta e como técnica corporal que aumenta radicalmente a capacidade dos combatentes de suportar golpes violentos.

O Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília perde pela primeira vez um seu professor. Alguém que certamente marcou a formação de vários profissionais atuantes. Com Peter se aprendia o sentido da relação íntima homem/natureza; como o corpo, suas maneiras e apropriações da realidade social e natural, acabava por refletir as formas de organização e as necessidades da vida num determinado meio. Ao mesmo tempo em que se via o homem-na-natureza, se viam os meandros das formulações sobre o que é estar-na-natureza, e — talvez mais difícil ainda — o que se pensa que é estar fora dela.

Apropriadamente, o monge budista que celebrou a cerimônia do funeral de Peter Silverwood-Cope lembrou que para o budismo "vida é morte, morte é vida". Penso, no entanto, que a melhor maneira de escrever uma última linha sobre Peter é saudá-lo como ele gostava: "*sensei hey*"!